



Crônica da Cidade

por Severino Francisco >> severinofrancisco.df@dabr.com.br

>> (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

Quem vai nos salvar

O lote ao lado de minha casa foi vendido, a compradora vai construir casa e nós entramos em um acordo para cortar árvores frutíferas que nasceram, sem serem plantadas, na divisa do terreno. Em poucos minutos, dois caboclos, armados de motosserra, reduziram goiabeiras, pitangueiras, amoreiras e outros arbustos a um monte de galhos esparsos.

Com os rostos grudados na porta de vidro da sala, meus dois netos, Aurora,

de 7 anos, e Judá, de 3, assistiram a tudo e ficaram revoltados. Aurora pediu: “Vocês poderiam me emprestar o celular um minuto, pois eu quero ligar para a polícia para denunciar os moços?”. Para uma criança, derrubar uma árvore é crime, não importa o motivo.

E é importante que eles construam uma nova consciência sobre o meio ambiente ante a ameaça do aquecimento global. O incidente no quintal me levou a pensar em termos mais amplos. As árvores da Amazônia têm de 200 a 1.400 anos de idade, com uma margem de erro de 80 anos, estimam os cientistas. São verdadeiros monumentos da natureza.

Em minutos, elas são derrubadas para serem vendidas no exterior pelo preço de

eucalipto ou de compensado. O paciente e milagroso trabalho centenário e milenar da natureza é destruído de maneira irreparável. Uma árvore é um sistema sofisticado de purificação do ar, de produção de água, de regulação das chuvas e de controle da temperatura da atmosfera. Desmatar é um crime contra a vida e contra o futuro das novas gerações.

Na série *Coreografia da violência*, o artista plástico brasileiro Wagner Hermusche pintou um quadro com a imagem impressionante de uma turba sinistra de parlamentares em passeata pela Esplanada dos Ministérios, embrulhados em ternos e tailleurs impecáveis, armados de surreais motosserras ligadas em alta voltagem, desfechando fagulhas

elétricas na noite brasileira.

Suas excelências do Congresso Nacional são as personagens omissas no projeto de destruição sistemática do meio ambiente desencadeado por esse governo. A tal ponto que compactuam até com a presença de um ministro do Desmatamento no governo. Esta frescura de “subiu o tom” ou “baixou o tom” não vai nos salvar.

A canção *Matança*, autoria do compositor Jatobá, antecipa o futuro muito próximo do planeta caso não sejam tomadas as providências cabíveis. Ninguém escapará dos efeitos apocalípticos da devastação ambiental. Vai sobrar para todo mundo. Vender a consciência em troca de uma emenda do orçamento se-

rá fatal: “Quem hoje é vivo corre perigo/E os inimigos do verde dá sombra ao ar/Que se respira e a clorofila/Das matas virgens destruídas vão lembrar”.

A canção alerta que, quando chegar a hora, não adianta clamar por nenhum santo: “É certo que não demora/Não chame Nossa Senhora/Só quem pode nos salvar é/Caviúna, Ce-rejeira, Baraúna/Imbuia, Pau-d’arco, Solva/Juazeiro e Jatobá/Gonçalo-Alves, Paraíba, Itaúba/Louro, Ipê, Paracaúba/Peroba, Massaranduba/Carvalho, Mogno, Canela, Imbuzeiro/Catuaíba, Janaúba, Aroeira, Araribá/Pau-Ferro, Angico, Amargoso, Gameleira/Andiroba, Copaiúba, Pau-Brasil, Jequitibá/Quem hoje é vivo corre perigo.”

Desde o início da pandemia, a região administrativa acumula pouco mais de 300 infectados pela covid-19 e quatro mortes. Correio visitou a cidade para descobrir por que a doença teve pouca dispersão. Concentração de áreas rurais e baixo deslocamento contribuem

Fercal segue com menores índices



» ANA ISABEL MANSUR

Em pouco mais de um ano e um mês desde a chegada da covid-19 ao Distrito Federal, uma região administrativa chama a atenção pela baixa quantidade de registros relacionados à doença. A Fercal — que, até sexta-feira, tinha um total de 319 infectados e quatro mortes — é a região administrativa com os menores indicadores pandêmicos do DF. Números da Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan) mostram que a cidade tem 8.687 habitantes, mas essa quantia se refere apenas à população urbana. Com base nos dados cadastrais do sistema de abastecimento de água, a Administração Regional da área calcula que essa população passe de 32 mil pessoas.

Para tentar entender o que transformou a Fercal em um ponto fora da curva, o *Correio* percorreu as ruas da cidade, bem como ouviu moradores, médicos, professores e gestores locais. Entre os fatores apontados como impactantes para esse cenário estão a baixa circulação para moradores de outras partes do DF nessa região — e vice-versa, além da concentração de famílias em áreas rurais.

A cidade é composta por 14 comunidades, das quais seis são rurais, e o restante, urbanas. Para Fernando Gustavo Lima da Silva, administrador da Fercal, a justificativa para a baixa quantidade de mortes e casos da covid-19 estaria no caráter industrial da região. As duas maiores fábricas da área pertencem às empresas Ciplan e Votorantim. Juntas, elas empregam cerca de 1.050 pessoas, direta e indiretamente. “Há duas fábricas de cimento, quatro usinas de asfalto e duas pedreiras. Então, boa parte da população trabalha na própria cidade, o que torna o deslocamento das pessoas

para outras partes do DF muito menor”, avalia Fernando Gustavo.

A segunda cidade com menos registros está em situação pior: o Varjão tem praticamente a mesma população que a Fercal, mas tem mais do que o dobro de casos e quase cinco vezes mais mortes por covid-19 (leia *Regiões administrativas*). A Secretaria de Saúde (SES-DF) afirma que as equipes que atuam nas duas áreas adotam o mesmo modelo de assistência e que a densidade populacional do Varjão é maior que a da Fercal. “Ambos os locais são servidos pelo mesmo modelo, a estratégia em saúde de família. Os dados de óbitos por região dependem única e exclusivamente do comportamento da população local em relação às medidas sanitárias e de distanciamento social”, ressalta a pasta.

Circulação

Epidemiologista e professor do Núcleo de Medicina Tropical da Universidade de Brasília (UnB), Walter Ramalho destaca como fator preponderante o baixo fluxo de pessoas entre a Fercal e outras partes do DF. “Há pouca demanda de transporte público para ir ao trabalho; afinal, as pessoas já moram lá e, por isso, circulam menos em outras cidades, tornando menor o risco de infecção”, analisa.

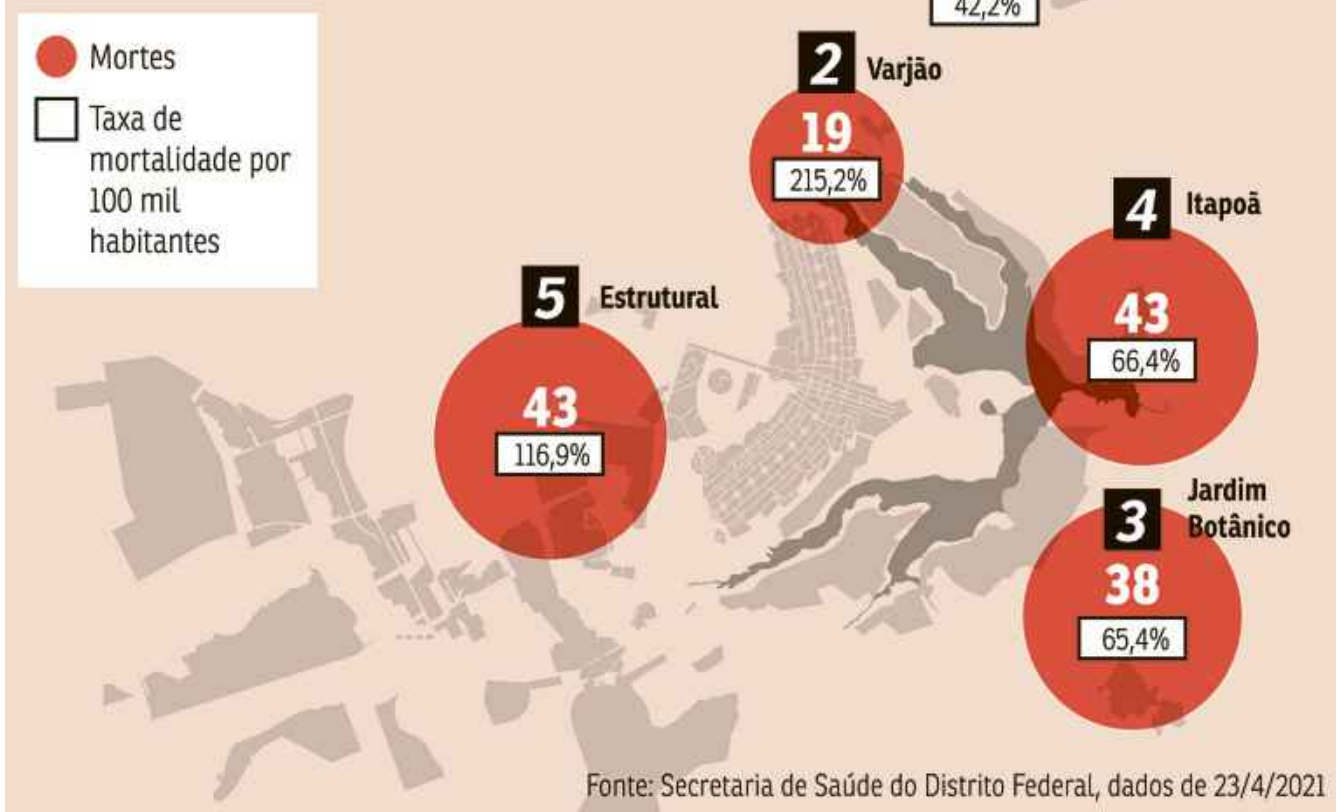
O professor Tarcísio Marciano, do Núcleo de Altos Estudos Estratégicos para o Desenvolvimento do Instituto de Física da UnB, concorda com o colega. Os dois especialistas integram um grupo formado por pesquisadores de todo o Brasil e de Portugal que monitoram a situação da covid-19. “Pela configuração da Fercal, as pessoas, provavelmente, ficam mais tempo ao ar livre. Assim, a chance de contágio acaba sendo menor”, acrescenta.

Para o administrador regional Fernando Gustavo, a conscientização dos habitantes também tem contribuído para a contenção da pandemia na Fercal: “A população tem adotado e seguido muito bem todos os protocolos de segurança. Fomos a última RA (região administrativa) a ter o primeiro caso de covid-19 no DF”, lembra.

Moradora de Engenho Velho, maior comunidade da Fercal, Adriana de Carvalho, 37, percebe uma adesão considerável aos protocolos de segurança sani-

Balanco

Saiba quais são as cinco cidades do Distrito Federal com os menores registros de mortes por covid-19



Ana Isabel Mansur/CB/D.A Press



Caráter industrial permite que moradores não precisem ir a outras partes do DF trabalhar

tária. Além de morar na cidade há 18 anos, a nutricionista é dona de um restaurante na região. “Aqui, o pessoal contribuiu muito, aquietou-se em casa, e o comércio respeitou as ordens de fechamento. Pelo que eu tenho visto, o movimento nas ruas está baixo. Observo todo mundo de máscara o tempo todo, e as pessoas pegam no pé umas das outras sobre isso”, relata Adriana, que teve covid-19 em fevereiro, com sintomas leves.

Suspeitas

Apesar dos fatores que explicam os dados contidos da doença na cidade, há quem desconfie dos números. Jefferson Silva, 43, nascido na Fercal, mora na comunidade Alto Bela Vista. Ele levanta algumas suspeitas para a pequena quantidade de casos e questiona o

registro de endereços — até 2012, a cidade não era oficializada como região administrativa e fazia parte de Sobradinho. “Acho que nem todos os domicílios foram atualizados. Pode ser que a pessoa infectada esteja registrada como moradora de Sobradinho”, sugere o líder comunitário, que também é agente comunitário de saúde.

A SES-DF, porém, afasta a hipótese. Renata Mercêz da Silva, diretora de Atenção Primária da Região Norte — que engloba Planaltina, Sobradinho 1, Sobradinho 2 e Fercal — explica que houve atualização de todos os logradouros. “Tínhamos esse problema nos endereços logo que a cidade passou a ser uma região administrativa separada. (Lidamos) com dificuldades para contagem dos casos de dengue, que têm notificação compulsória, por

exemplo. Hoje, não há mais isso. Independentemente de (um paciente da covid-19) ter falecido em outro lugar, o dado entra na estatística da região (onde a pessoa morava). Não há falha nesse sentido”, afirma a gestora.

Para Renata, a alta concentração de comunidades rurais é fator importante para os baixos níveis de infecção da população na cidade. “A Secretaria de Saúde usa o dado da Codeplan, de (população com) pouco mais de 8 mil moradores. Com isso, há 100% de cobertura com as quatro equipes de saúde da família (que atuam) na Fercal”, comenta. “Outro aspecto é que há grande extensão de área territorial e, pelas próprias características de fazendas e sítios, as pessoas ficam mais afastadas umas das outras. São cidadãos com comportamento de vida mais isolado”, acrescenta a diretora.

Por fim, ela pontua que o senso de comunidade entre os habitantes da Fercal torna a comunicação mais efetiva, apesar das distâncias. “As orientações de segurança contra a covid-19 foram rapidamente divulgadas pelas equipes de saúde e conseguiram alcançar a população. A Fercal é diferente de Sobradinho ou do Plano Piloto, regiões mais urbanas. Não há shoppings nem feiras; por isso, as oportunidades de aglomeração são muito menores. É uma região administrativa mais isolada, que recebe, em grande parte, apenas os próprios moradores. Há poucas pessoas de fora. Esse somatório de fatores gera mais proteção à população”, enfatiza Renata.

Linha do tempo

5 de março
primeiro caso de covid-19 no DF

27 de março
primeira morte pela doença no DF

6 de maio
primeiro caso de covid-19 na Fercal

28 de junho
primeira morte na Fercal, com 26 casos; (DF: 44.905 casos; 548 mortes)

7 de fevereiro
segunda morte na Fercal, com 199 casos (DF: 281.002 casos; 4.618 mortes)

21 de março
terceira morte na Fercal, com 280 casos (DF: 328.902 casos; 5.382 mortes)

23 de abril
quarta morte na Fercal, com 319 casos (DF: 371.719 casos; 7.494 mortes)

2020

2021